

A UNIÃO FAZ A FORÇA

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

“Torna-te aquilo que és”
Nietzsche

O ambiente político no Brasil vem caracterizado por aspectos interessantes. Praticamente sem oposição, o Governo do PT saiu de uma “Carta aos Brasileiros” nas vésperas da 1ª vitória de Lula, visando acalmar os medos de um socialismo “sindicalista” para uma expressiva e crescente intervenção do Estado na economia já em meados do 2º Governo Lula e, principalmente, na era Dilma. O país foi das privatizações de FHC às críticas veementes do PT, sobre isso, até chegar às concessões doloridas atuais do mesmo PT para virar a roda da infraestrutura no Brasil, furada pela ideologia de uma esquerda elitizada que adora criticar as elites do Brasil. Passo a passo, mostram a que vieram e tornam-se o que são!

Dilma, com a sua mão pesada e o pensamento econômico heterodoxo mostrado na “nova matriz econômica” implantada no Brasil, gerou desequilíbrios na macroeconomia, incentivos demasiados ao consumo, falta de investimentos e, como consequência, a volta da desconfiança. O articulista Celso Ming, na Revista da ESPM em junho/13 comentou que *“a política centralizadora no Brasil, intervencionista, faliu. Ela tem dois grandes fracassos: não consegue apresentar crescimento econômico nem controlar a inflação”*. Essa síntese, clara, explica o tema da maquiagem, em véspera eleitoral, dos fracassos da política econômica do atual governo que não aceita as críticas, que só valoriza a permanência no poder e os mecanismos que criou para isso.

A tomada do poder pelo PT, no Brasil, veio com longas tentativas e com a existência de um líder, sindicalista e populista, carregando o PT e suas ambíguas relações com partidos da base governista em uma mão e, com a outra, afagando, por exemplo, o agronegócio brasileiro, em especial o da energia renovável. Lula se vestiu de etanol e do biodiesel e fazendo sua apologia ao verde, encantou o mundo. Sem preconceitos, fez a defesa do agronegócio brasileiro e ganhou o apoio dos que produzem, até o seu 2º governo. A descoberta do Pré-Sal, as relações com os governos ditos bolivarianos na América do Sul e a vaidade do reconhecimento somada às cobranças da esquerda raivosa transformaram o seu 2º mandato em uma abertura aos ensaios posteriores promovidos por Dilma, da volta à intervenção do Estado na economia, da eleição dos setores a serem privilegiados, num processo que só fez crescer as ações de “dar o peixe”, ao invés de ensinar a pescar e, como novidade, fixando margens ao investidor privado nas suas “concessões”.

A Presidente Dilma tem uma história de lutas, sem dúvida, porém caracterizadas como luta pela ditadura da esquerda, que tanto emociona e fascina muitos das importantes figuras do atual governo brasileiro. Nessa luta, muitos obstáculos surgiram e ódios foram criados. Esses ódios crescem e se tornam preconceitos, matéria prima ideal para um processo de criar muros! A democracia, em países em desenvolvimento, sofre com as disparidades de renda, com o complexo “triângulo” das classes sociais, onde os votos de uma base menos crítica, maior e mais exposta às “bolsas-apoio” e à manutenção do status-quo, tornam terrível o importante processo de alternância ao poder, tão importante no processo democrático.

Se o preconceito é, segundo Kairalla, o analfabetismo da alma, suas vítimas poderão fazer o país ter um desenvolvimento muito aquém do seu potencial.

Em síntese, governo intervencionista e preconceituoso é algo terrível, perigoso e que não se pode subestimar. Benjamin Constant já dizia, muito tempo atrás que *“cada vez que o governo tenta manejar os nossos negócios, fica mais caro e os resultados são piores do que se fossemos nós a fazê-lo”*.

Teria dito Maquiavel que *“os preconceitos tem mais raízes do que os princípios”*. Quando este texto cita os preconceitos, se refere especificamente ao olhar de discriminação da Presidente Dilma para com o agronegócio da cana-de-açúcar, onde, infelizmente, pode atuar negativamente. Graças a Deus, os outros setores não sofrem tanto. No caso da cana-de-açúcar, ela sufoca o setor via teto “baixo” da gasolina, competidor do etanol hidratado e via ameaças de redução de mistura do etanol anidro na gasolina. Após anos de luta que por mérito geraram (governo FHC) a CIDE (contribuição de intervenção sobre combustíveis fósseis que nada mais é do que uma taxa de carbono incidente sobre combustíveis fósseis) foi possível a desregulamentação do setor canavieiro. No entanto, desde 2006 isso vem sendo desmontado, passo a passo. Em 2012 a CIDE foi “zerada”, a oferta de etanol (face não haver margens) foi estagnada e a Petrobrás compra gasolina a um preço bem superior aos preços de sua venda no mercado doméstico brasileiro.

Os últimos anos foram extremamente desfavoráveis ao setor canavieiro e os assessores dos Ministérios da Presidente somente fazem coro à lógica que as “bondades” foram realizadas e o setor privado tem que ser competitivo para sobreviver! Se esquecem que este Governo subsidia a gasolina e dá as costas à imagem da liderança brasileira no campo da energia renovável.

Não há dúvidas, hoje, que o atual governo federal sofre de importante crise de confiança. Em volta da falta de confiança, pululam ratos prontos a saltar fora do navio a afundar. Em situações como esta, cria-se um verdadeiro muro das desconfianças e incertezas, onde somente se fixam as trepadeiras do caos. E é exatamente tudo isso o horror enfrentado pelo produtor no interior do país, trabalhando sem margens e sofrendo o preconceito do seu governante. Tempos difíceis!!

O outro lado desse sofrimento é o real conhecimento, hoje, do que é este o governo real e o que isso pode se tornar num eventual segundo mandato. Reelegê-lo, simplesmente, seria um verdadeiro cheque em branco para uma potencial maior pressão de intervenção do governo na economia setorial, em nenhuma nova possibilidade de mudança de visão ou fim dos preconceitos como hoje são.

Assim acentua-se a frase de Nietzsche, *“torna-te aquilo que és”*. Também se acentua o fato que *“não há governo seguro sem forte oposição”* e, segundo Ronald Regan, *“não espere que a solução venha do governo, ele é o problema”*.

Em outras palavras, o nome do jogo para o produtor na indefinição atual é competitividade, pressupondo produtividade elevada com sustentabilidade na produção. Do governo poder-se-ia ter um toque de valorização ao etanol e à co-geração de energia elétrica, via retorno da CIDE e ICMS menor nos estados. Afinal, a expansão da oferta setorial irriga toda uma longa cadeia produtiva, com favoráveis impactos na arrecadação de impostos em todos os elos da sua cadeia, recuperando com sobras as reduções de ICMS para o etanol.

Isso, no entanto, pressupõe uma conversão de toda uma legião de militantes “contra-etanol”, o que, convém ressaltar, não é nada fácil. A única forma de mudança

é a possibilidade do atual governo perder a eleição; outro modo, é observar como se corrigiram as distorções nos início dos ano 2000 via Frente Parlamentar, aproveitando o momento eleitoral. Sem dúvidas, é um trabalho de leão! Aliás é a figura a seguir um exemplo de como se defender de um ataque de leão:



Duas condições fixariam uma potencial nova “Carta ao Enganado Investidor no Setor Sucreenergético”:

- Uma nova Agenda de Governo, com mínima intervenção, mas com a volta de porcentual da alíquota da CIDE incidente sobre a gasolina (hoje é zero);
- Uma ação positiva dos Governos de Estados, reduzindo a estúpida atual elevada alíquota do ICMS.